

Greve de 1995

O ano de 1995 foi marcante para o país e em especial para os petroleiros, que enfrentaram um dos maiores períodos de greve de todos os tempos na história da categoria. Foram 33 dias de greve em nossa região e 32 em nível nacional. Há poucos meses de completar 20 anos o movimento ainda perdura na memória dos petroleiros e é relatado com detalhes por todos que participaram ativamente dos protestos.

Para o país, era o primeiro ano do governo de Fernando Henrique Cardoso (FHC), o primeiro presidente eleito após o impeachment de Fernando Collor, que havia renunciado poucos dias antes de sua cassação oficial pelo senado em 1992. Havia a expectativa por um governo democrático, mas com as ressalvas do histórico de favorecimentos neoliberais marcados por suas intenções em privatizar setores da telecomunicação, energia elétrica, mineração, entre outros, o que acabou acontecendo efetivamente em alguns casos e posteriormente com a quebra do monopólio do petróleo, abrindo a Petrobrás para o mercado de ações da bolsa de Nova Iorque. O risco era iminente.

Os primeiros meses de 1995 se passavam e o cenário apontava para um retrocesso às conquistas dos trabalhadores e para a soberania do país. Motivados pelas mudanças propostas pelo então governo, em 3 de maio de 1995, a categoria iniciou uma greve conjunta, aliada aos trabalhadores do setor público, eletricitários, telefônicos, trabalhadores dos Correios e servidores federais, que lutavam pela recuperação das perdas salariais, preservação de direitos e contra a quebra do monopólio do petróleo e das telecomunicações.

Os petroleiros aguardavam também o cumprimento de três acordos firmados com Itamar Franco, antecessor de FHC. O primeiro, assinado em outubro de 1994, dizia que a Petrobrás deveria negociar cláusulas econômicas e sociais sem que houvesse posicionamento do TST. O segundo, de novembro do mesmo ano, assinado pelos ministros das Minas e Energia, do Trabalho e pelo presidente da Petrobrás, previa o pagamento da segunda parcela do 13º pela URV, o adiantamento das perdas do Plano Bresser e a manutenção da garantia do emprego. O terceiro, orquestrado por FHC, então ministro da Economia e sua equipe, que trabalharam pelo não cumprimento dos acordos, forçaram o governo a recuar e a propor um novo acordo, assinado em 25 de novembro de 1994 por Itamar Franco, que previa pequenos reajustes salariais interníveis.

Ao assumir a presidência FHC rasgou, literalmente, os três acordos, solicitando ao Tribunal Superior do Trabalho (TST) para que não reconhecesse sua validade e declarou a greve abusiva, bloqueando as contas de todos os sindicatos de petroleiros do país, determinando também a volta imediata ao trabalho, aplicando multas de R\$ 100 mil para cada dia de greve. Mesmo com as sanções do governo e da Justiça, mais de 90% da categoria cruzou os braços nas refinarias, plataformas, terminais de distribuição e nas unidades administrativas da Petrobrás.

Gervásio Fernandes hoje faz parte da diretoria do Sindipetro-LP, mas em 1995 integrava o Grupo de Apoio Sindical (Gas), formado por trabalhadores comuns que promoviam atos na refinaria sem que houvesse a participação de representantes sindicais. Trabalhando como operador na UFCC, foi ao lado de Newton Carneiro, atualmente diretor administrativo da Petros, que iniciaram o ato que perduraria por 33 dias de ocupação da Refinaria Presidente Bernardes (RPBC). Era por volta das 13h, durante troca de turno, no refeitório da refinaria, quando os colegas conversavam sobre o estado de greve, que Newton sugeriu realizar um ato para ocupar o restaurante. “As privatizações haviam começado no Brasil com tudo. O Governo tucano tinha

anunciado a privatização da Vale do Rio Doce por um preço muito abaixo do que ela valia. Posteriormente, mesmo depois de ter sido descoberta uma jazida de minério importante para a mineradora, o governo não alterou o valor da empresa, vendendo pelo que havia sido anunciado inicialmente. Fora que já haviam privatizado siderúrgicas, telecomunicação, a gente sabia que o próximo passo seria a Petrobrás. Chamamos nossos companheiros e começamos o movimento como corte de rendição, e em seguida houve a ocupação da refinaria”, conta.

Realino de Oliveira Junior, 48 anos, sendo 27 anos trabalhados na Petrobrás como Técnico Químico de Laboratório Pleno, foi um dos 300 que se revezavam para manter a refinaria em funcionamento em plena greve. “A princípio não estava no momento da ocupação. Houve a assembleia e assim que ficou definido que ocuparíamos a refinaria, a gerência mandou trancar os portões, já com bastante gente do lado de dentro. No dia seguinte o Sindicato fez outra assembleia no portão da RPBC com o pessoal participando dentro e fora da unidade. Os que haviam entrado pegaram um alicate de corte e quebraram a corrente que fechava o portão. Entrei junto com essa turma”, lembra. Contando o pessoal dos turnos que já ocupavam a refinaria, cerca de 300 trabalhadores, quase mil homens invadiram a RPBC, aderindo a ocupação.

“Mexeu com meu companheiro, mexeu comigo”

Logo, os trabalhadores passaram a se organizar para que o movimento funcionasse da melhor forma. Como em uma guerrilha, grupos foram formados, ocupando áreas estratégicas da refinaria, controlando quem entrava e saía da empresa. Todos conheciam cada canto da unidade como o quintal de casa e a defenderiam como tal. “Durante todo tempo éramos atualizados sobre o que acontecia em outras refinarias pelo país. Sabíamos que o exército estava sendo acionado e começamos a buscar armas para atacar, caso fosse preciso. Preparamos mangueiras, fizemos coquetéis químicos com produtos corrosivos e tóxicos para jogar nos militares, juntamos ferramentas e tudo que podia ser usado como arma para nos defender”, conta Realino.

O receio por um confronto com os militares não era paranoia. O país passava por um período de redemocratização lento e conturbado, com um impeachment de presidente recente e com negociações privatistas, iniciadas no governo de Collor e intensificadas na era FHC rondando a Petrobrás. Na lembrança dos trabalhadores a morte de três operários em um confronto com o exército na Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) em 1988 em defesa de direitos que agora os petroleiros discutiam com a empresa, causava apreensão em todos. Decididos a se proteger, os manifestantes apagaram as luzes da refinaria e aguardaram a chegada do exército amoitados em seus postos, prontos para a briga, que felizmente não aconteceu.

As refinarias ocupadas pelo exército em outras partes do país continuavam, mas somente em Cubatão houve a paralisação geral da produção. “Nós avisamos que se o exército invadisse a refinaria todo mundo sairia e eles teriam que operar a unidade sozinhos”, lembra Gervásio.

Os dias seguiram com o movimento cada vez mais organizado. Os trabalhadores criaram a Tripa, Tropa de Resistência Interna do Pé de Araçá, que era uma espécie de QG do movimento, montado em uma tenda na entrada da refinaria e que ficava próxima de um pé de araçá. O local era usado para fazer a triagem de quem entrava e saía da RPBC, onde também recebiam os

alimentos entregues pelos familiares e sindicatos e onde os encontros com suas esposas e filhos eram marcados, para minimizar a saudade do convívio familiar.

Como em toda greve, haviam os pelegos. Para eles o tratamento era severo. Quando alguém era visto furando as grades para trabalhar era retirado da unidade abaixo de ofensas e empurrões. “Quando apareciam as peruas com os pelegos querendo entrar na refinaria a gente ameaçava virar o veículo e começávamos a balança-lo até que todos descessem e o motorista fosse embora”, lembra o sindicalista. Os trabalhadores também raspavam a cabeça, em protesto. “De brincadeira, a gente pedia pra fazer um corte assim, com uma máquina maior aqui, ali, e o cara da máquina só concordava e passava a máquina zero em tudo”, conta Realino.

Do lado de fora chegava todo o suporte necessário para mantê-los com dignidade. Uniformes limpos, produtos de higiene pessoal, comida, cigarros. Para dormir os trabalhadores se revezavam em turnos e se ajeitavam como podiam, no chão, em cadeiras, bancos.

Os petroleiros mantiveram a refinaria funcionando para manter os maquinários em perfeito estado. O compromisso com a empresa sempre foi uma máxima para a categoria. Os trabalhadores sabiam que qualquer coisa que acontecesse durante a ocupação seria de sua responsabilidade. Prova disso foi que houve uma explosão na tocha química da UFCC que rompeu uma tubulação e o pessoal da manutenção foi prontamente resolver o problema, mesmo estando em greve. O defeito era antigo e a gerência havia sido avisada que aquilo poderia ocorrer, mas ninguém tomou providência e acabou estourando durante a greve.

Entre os manifestantes, cinco mulheres marcaram presença na ocupação, participando ativamente das atividades. A gerência entrava e saía da refinaria, autorizados pelos ocupantes, não antes de passarem por revista no carro, com direito a dancinhas e provocações dos trabalhadores. “A gente sabia que seria punido depois do episódio, então o melhor era aproveitar o momento”, recorda Realino. Por ordem da própria empresa e por medida preventiva, o restante dos petroleiros foi orientado a não comparecerem à refinaria, pois assim não se juntavam também ao movimento.

Previendo as retaliações que viriam, os petroleiros criaram o lema “Mexeu com meu companheiro, mexeu comigo”, estampados em carteirinhas e adesivos. A ideia era proteger os trabalhadores das punições que se seguiriam.

Em 31 de maio os sindicatos foram às ruas de todo o país com o lema “Somos Todos Petroleiros”. No dia seguinte, uma frente parlamentar formada por representantes de vários partidos, passou a intermediar a reabertura das negociações com a empresa, que finalmente aceitou voltar à mesa de negociação e comprometeu-se a cancelar as punições e a parcelar o desconto dos dias parados. No dia 02 de junho os Sindicatos dos Petroleiros decidiu encerrar a greve, o que foi aprovado pela categoria em todo o país, exceto pelos 300 petroleiros do Litoral Paulista, que permaneceram ocupando a RPBC por mais um dia.

Com o anúncio do fim da greve houve uma comoção geral entre os que se mantiveram firmes na RPBC. Durante as congratulações, todos choravam e se abraçavam, envolvidos na emoção de uma luta quase que solitária contra a empresa, governo e a imprensa, que massacrou a categoria com informações mentirosas para jogar a opinião pública contra o ato. O grupo decidiu deixar a refinaria de mãos dadas, cobertos pela bandeira do Brasil e cantando o hino nacional.

Não era o fim

Mesmo passados quase 20 anos do ato, a lembrança daquele dia ainda faz muitos petroleiros aposentados e da ativa ficarem com os olhos marejados de orgulho e saudade de um tempo em que a união falou mais alto do que os interesses individuais. Lembranças de uma greve histórica, sem precedentes na história sindical brasileira. Não foram apenas 33 dias de ocupação, mas sim mais de 70 anos de luta pelos direitos trabalhistas desaguando em um movimento único e talvez derradeiro. Nada posterior ao que aconteceu naquele ano teve a relevância política como a greve de 1995.

Mas, diferente da ficção, a história não terminou tão bela como contam nossos personagens. As punições “vieram a cavalo” sobre os petroleiros e sindicatos. Realino teve uma “pena” branda, comparado a muitos de seus colegas que foram demitidos e posteriormente anistiados, apenas um dia de punição. As consequências daquela ocupação não pararam por aí. Até hoje o petroleiro vê sua ascensão profissional prejudicada por sua participação na greve. Enquanto alguns de seus companheiros receberam promoções, cargos de confiança e letras a cada ano, Realino demorou dez anos para receber duas letras.

Mesmo após o fim da greve os Sindicatos tiveram suas contas bloqueadas, bens penhorados e durante algum tempo a empresa deixou de repassar a mensalidade dos associados. Os sindicatos receberam multas de R\$ 2,1 milhões. Sem as contribuições, os Sindicatos passaram arrecadar junto aos petroleiros valores para manter os companheiros demitidos após a greve.

Dirigentes sindicais foram demitidos, num total de 73 trabalhadores arbitrariamente punidos pelo ato de greve. Em Cubatão, 19 trabalhadores foram mandados embora da empresa. Cerca de mil petroleiros foram punidos, alguns com suspensões de até 29 dias, dentre eles, Gervásio. Somados ao período de greve, foram mais de 60 dias sem receber nenhum salário. “Consegui pagar as pensões dos meus filhos graças ao Sindicato, que me ajudou com o fundo de greve e ao pai da minha namorada da época, que me ajudava a pagar as despesas principais”, explica.

O diretor também não ganhou letra nenhuma nos anos que se seguiram. Além da greve, sua seriedade no trabalho fora apontada como defeito por uma engenheira da empresa. “Um dia ela me disse: Sabe por que você não ganha letra, não é promovido? Porque você não fala a linguagem da empresa. Eu respondi: Mas eu prefiro não receber promoção do que ter que puxar saco para ser valorizado. Meu trabalho não é suficiente? Faço minha parte, a gente deveria ser valorizado pelo que faz e não por quem a gente agrada”. Após 2004, assim que recebeu os pagamentos que ficaram retidos após a greve, como 13º e férias, Gervásio passou o cheque ao Sindicato, para pagar sua dívida com a categoria, que o havia ajudado na pior hora com o fundo de greve.

Tanto Realino como Gervásio acreditam que houve um divisor de águas com a greve de 1995, tanto para a categoria, como para os sindicatos. A gerência da Petrobrás foi com tudo sobre os trabalhadores e em 1996, toda semana alguém era demitido motivado por resquícios do movimento.

Para os petroleiros, a conjuntura mudou quando os trabalhadores elegeram Lula presidente. Para a classe, era o início de uma nova realidade, com os trabalhadores no comando, mas o que se mostrou foi outra coisa. Quando todos achavam que as reivindicações dos trabalhadores seriam atendidas, aconteceu o contrário, inclusive com o retrocesso de algumas

conquistas dos direitos trabalhistas. “Todo esse jogo político esfriou os ânimos dos trabalhadores e os novos concursados da empresa não se envolvem como nos envolvíamos antigamente. Alguns sindicalistas também foram para o poder e mudaram a forma de pensar. A gente lutou, conquistou e as coisas não andaram como a gente queria”, conclui Realino.

A Petrobrás também aproveitou o momento para mudar algumas regras na empresa. Até 95, para ser promovido era preciso passar por concurso. Daquele ano em diante, as promoções passaram a ser por indicação, com cargos comissionados. “Os novos supervisores que chegaram não tinham experiência e quando acontecia alguma emergência nós, que éramos mais velhos de casa, resolvíamos o problema, pois o que estava em risco era nossa própria vida. Depois de passado o perigo, a gente esculachava o “chefe”, falando alto para todo mundo ouvir que ele só tinha o cargo porque era o preferido de alguém e que não tinha competência para a função”, conta Gervásio. Não bastassem as perseguições aos trabalhadores e organizações sindicais, uma campanha midiática, que repercutiu ainda hoje na imprensa corrompida pelos contratos milionários de publicidade, tentou jogar a população contra o movimento de greve.

A imprensa descrevia o fim da greve como um fiasco total, dizendo que os petroleiros perderam tempo e atrasaram a vida do povo e do empresariado por pura birra. Para a categoria, embora os acordos com Itamar não tivessem sido pagos, o principal havia sido conquistado. “A imprensa tentou jogar a população contra a categoria, culpando o ato pela falta de gás de cozinha e gasolina nos postos de distribuição. As pessoas não entendiam que aquela greve defendia, antes de tudo, a soberania da nação”, conclui Gervásio.

Três anos após a greve, o superintendente de Recursos Humanos da companhia, José Lima Neto confirmou o golpe: “Não era de interesse da Petrobrás na época acionar as distribuidoras por terem sonogado o gás de cozinha”, disse em entrevista ao jornal do DCE da USP.

Alguns dos que participaram da greve de 1995 fizeram parte da ocupação do edifício sede da Petrobrás, em setembro deste ano, durante ato de ocupação dos aposentados. Para eles, os últimos guerreiros de uma geração forjada na luta contra a opressão, só com união é possível obter vitórias.